

ÉTICA E ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA: PROSPECTO PARA A CIDADANIA PLANETÁRIA

ETHICS AND AESTHETIC IN EDUCATION DIALOGIC: PROSPECT FOR THE PLANETARY CITIZENSHIP

SANTOS, José Alex Soares – Flated – <jalexsantos@yahoo.com.br>

LUSTOSA, Francisca Geny – UFC – <franciscageny@yahoo.com.br>

RESUMO

O presente estudo busca compreender as dimensões ética e estética da prática educativa freireana, articuladas com os princípios da amorosidade, humildade, tolerância, coerência e esperança, bem como seu legado dialógico-problematizador e crítico-libertador, base ontológica para formação do “cidadão mundializado”. Metodologicamente, atém-se a estudo bibliográfico constante na obra de Freire e em material audiovisual (documentário) que aborda a temática em tela. Mediante este referencial teórico-metodológico, foram elaboradas indicações inacabadas sobre caminhos possíveis para se romper e transformar a perversidade da sociedade do espetáculo, globalizada e excludente, pela experimentação testemunhada da “ética universal do ser humano” em toda sua boniteza; a autonomia constituída na decência, plena de esperança e intencionalidade, com as quais é sempre possível as pessoas apresentarem-se como “seres-mais” na busca de uma sociedade humanizada e humanizante.

PALAVRAS-CHAVE: Ética e Estética. Educação Problematizadora. Cidadania Planetária.

ABSTRACT

The present study it searches to understand the dimensions ethical and aesthetic of practical the educative freireana, articulated with the principles of the affability, humbleness, tolerance, coherence and hope, as well as its dialogic legacy and critical-liberator, ontological base for formation of the “word-widen citizen”. Methodologytic, abides it constant bibliographical study in the workmanship of Freire and audio visual equipment (documentary) that it approaches the thematic one in screen. By means of this referencing theoretician-methodologyc, unfinished indications on possible ways had been elaborated to breach and to transform the perversity of the society of the spectacle, globalised and exculpatory, for the testified experimentation of the “universal ethics of the human being” in all its beauty; the autonomy consisting in the decency, full of hope and scienter, with which it is always possible the people to be presented as “beings-more” in the finding of a humanized and humanizante society.

KEYWORDS: Ethics and Aesthetic. Dialogic Education. Planetary Citizenship.

Em meio à atordoante “sociedade do espetáculo”¹, para lembrarmos Guy Debord (2003), em que a vida real é pobre e fragmentária, sendo os agentes sociais são

¹ Essa obra, publicada pela primeira vez no ano de 1967, na França, tornou-se inicialmente a mais alta expressão inspiradora da ala extremista do “maio de 68” em Paris. Hoje é concebida como clássico em vários países. Segundo Debord (2003), na sociedade do espetáculo os sujeitos que não obtêm as condições materiais e simbólicas de vivê-la objetivamente, projetam a não-possibilidade de suas vivências interrompidas no olhar para outros (estrelas, homens políticos etc.) que vivem em seu lugar. A realidade torna-se uma imagem, e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta à vida recupera-se no plano

“forçados” a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real, tornando-se seres desapropriados de sua natureza crítica e transformadora, a humanidade está perplexa e diante de inúmeros desafios. Esse quadro de perplexidade nos propõe perguntar: quais são as possibilidades de uma formação que potencialize a idéia de cidadania planetária? Que implicações éticas e estéticas estão situadas no plano da educação dialógico-problematizadora para o construo de um cidadão criticamente mundializado? Que práticas educativas devem ser adotadas por educadores e educadoras para viabilizar a formação desse ser histórico em uma sociedade configurada pelo cenário do espetáculo e da globalização excludente?

Nossa análise sinaliza algumas possibilidades de resposta para essas questões, por crermos que um dos mais sérios desafios a ser implementado nas organizações societárias hodiernas compreende a constituição da “cidadania planetária” por meio da *práxis* educativa crítico-libertadora, fundada nas dimensões ética e estética do ser humano – projeto permeado de riscos, mas que possui plenas condições de conquistar a si mesmo e o mundo, humanizando-se e humanizando-o.

Mediante este contexto, o desenvolvimento de uma “ética universal do ser humano”, associada ao aguçamento da percepção estética, insurge-se como uma das mais árduas e instigantes tarefas que deve ser assumida por cidadãos e cidadãs de todo o Planeta, principalmente aqueles(as) comprometidos(as) com uma ação-intervenção em sua realidade concreta que recupere a eticidade, a boniteza e a dignidade perdidas por homens e mulheres, imersos num momento histórico marcado pela malvadez da “liberdade” de mercado, pelas violências de toda sorte que degradam a vida humana e ameaçam a sustentabilidade da Terra, mas que ainda buscam sustentação no cinismo do discurso fatalista, propalado pela ideologia neoliberal.

Para Freire (2006 apud VASCONCELOS; BRITO, 2006, p. 125), a ideologia fatalista é assim definida:

[...] é “imobilizante”; “anima o discurso neoliberal”; tem “ares de pós-modernidade”; insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou virar “quase natural”; expressa uma “indiscutível vontade mobilizadora”; nos nega e amesquinha como gente.

da imagem. Enquanto a primeira fase do domínio da economia sobre a vida caracterizava-se pela notória degradação do ser em ter, no espetáculo, chegou-se ao reinado soberano do aparecer. As relações entre os homens já não são mediadas apenas pelas coisas, como no fetichismo da mercadoria a que Marx se referiu, mas diretamente pelas imagens.

A ruptura com a malvadez do mercado e o fatalismo de sua ideologia nos fez granjear, na concepção freireana de mundo, o sentido de uma ética e de sua estética que auxiliem na constituição da cidadania planetária como um caminho possível para suplantação dos descaminhos aterrorizantes, corrosivos e degradantes das virtudes humanas; predatórios e exterminadores da sustentabilidade do ecossistema global, eivados pela perspectiva mercadológica e “financeirizada” da vida de mulheres e homens contemporâneos.

Sustentado por esses pilares, o presente estudo busca compreender o tratamento epistemológico dado por Freire às dimensões ética e estética da prática educativa, entendidas aqui como problematizadoras da “nova ordem” mundial, e as sinalizações legadas às gerações presentes e futuras para uma formação consciente e crítica. Por fim, procura analisar a articulação dessas dimensões e seus princípios – amorosidade, humildade, tolerância, coerência, esperança –, com a concepção de cidadania planetária e sua dinâmica de efetivação.

No intento de galgar os objetivos propostos, metodologicamente, o trabalho constitui-se de estudo bibliográfico centrado na obra de Freire e alguns de seus intérpretes brasileiros (ESTRECK, et. al. 2000; GADOTTI, 1989; VASCONCELOS; BRITO, 2007); na análise de material audiovisual, no formato documentário, em que abordamos a temática em foco. Por intermédio do quadro teórico-metodológico, elaboramos indicações inacabadas sobre alguns caminhos possíveis para rompermos e transformarmos a perversidade da globalização econômica e capitalista sobre o mundo e o humano.

A base para essa radical transformação, viabilizada por meio de uma educação libertadora, problematizadora, crítica e dialógica, centra-se nas dimensões ética e estética, substrato ontológico para a constituição objetiva da cidadania planetária.

É possível uma educação que potencialize a cidadania planetária?

Estrangeiro eu não vou ser. Cidadão do mundo eu sou.
Milton Nascimento

Para respondermos se é possível uma educação voltada para os ideais concretos da cidadania planetária, no primeiro momento, esboçaremos a síntese de seu significado

teórico-conceitual e, articulado a este, os princípios² da educação dialógico-problematizadora.

Nestes termos, cabe ressaltar que a noção de uma “cidadania mundializada” emerge em meio às mudanças emplacadas pela globalização em todas as esferas da organização societária. Tais transformações vêm acompanhadas de uma crise profunda nas relações humanas, em que a vida perde o sentido, seu valor humanitário, e o “centro de tudo” passa ser o dinheiro em “estado puro” (MILTON SANTOS..., 2004).

Para sair dessa encruzilhada que ocasiona o “apodrecimento da sociedade” por via dos condicionantes sociocultural, econômico, político e moralistas da degradante “aldeia global” – ameaça concreta à sustentabilidade da vida terrena –, um dos caminhos possíveis é a consolidação concreta da idéia de cidadania planetária (BOFF, 1996; IANNI, 1992; 1997; MILTON SANTOS..., 2004).

Ao adotarmos esse viés, compartilhamos da aferição de Nascimento (2008, paginação irregular) ao sugerir que

[...] a noção de cidadania planetária surge a partir de uma concepção onde se afirma que, independente da nacionalidade, habitamos o mesmo planeta ao qual devemos cuidar e compartilharmos princípios, valores, atitudes e comportamentos comuns, próprios de uma única comunidade, a comunidade dos seres humanos. A cidadania planetária pode ser uma ferramenta útil para a construção de um processo paralelo de globalização. Sabemos que a globalização é um fenômeno irreversível. O que não pode ser irreversível é o modelo de globalização que temos, neoliberal, de mercado, economicista, especulatório, excludente e dominante. A alternativa possível é a construção de uma cidadania planetária que promova uma globalização cooperativa e solidária onde se prevaleça os interesses dos povos, objetivando a eliminação das diferenças socioeconômicas e a integração da diversidade cultural da humanidade.

A luta pela consolidação prática dessa idéia converte-se em uma utopia necessária para homens e mulheres comprometidos/as com um mundo integralmente humanizado e, sobretudo, mais bonito. A transformação da feiúra em que se fez o mundo em beleza experienciada só se faz possível pela esperança renovada em cada um de nós, seres estéticos e éticos, a cada dia que amanhece.

Hoje é necessário e urgente cuidar do ser humano que se fez “feito”, como do próprio mundo e sua “paisagem horrorosa” – pintada pela malvadez do mercado e pela

² Os princípios a serem abordados *a posteriori* referem-se a amorosidade, humildade, tolerância, coerência e esperança. Consideramos que esse conjunto constitui o marco doutrinal que viabiliza uma ética e uma estética do ser humano, o qual no mundo globalizado necessita exercer sua condição de cidadão do mundo, portanto, a cidadania planetária do ser-mais no movimento do devir.

tinta ideológica do fatalismo neoliberal –, os quais não nasceram para ser feios e nem devem continuar sendo feiosos. Parafraseando Freire (PROFISSÃO PROFESSOR..., 1995), “ninguém nasce para ser feio. A gente vira feio ou vira bonito na medida em que a gente luta [ou não] com alegria e [...] esperança”. Nestes termos, a cidadania planetária faz parte de uma utopia possível – um caminho que se faz e só se faz caminho caminhando; algo não realizado que historicamente poderá se realizar (NASCIMENTO, 2008).

O projeto de cidadania aqui anunciado, mesmo que sinteticamente, nos leva a um ambiente complexo – caracterizado pelo respeito às diversidades cultural e biológica –, condicionado pela ética da solidariedade, ambiente este que nos deve proporcionar vivências integrativas com a natureza e a visão relacional das coisas (BARROS, 2004; GADOTTI, 1998; GUIMARÃES, 2008).

Ao corroborarmos essa noção do projeto de cidadania planetária, defendemos o argumento de que, para sua constituição (lenta e gradual), há exigência da esperança como força motriz para recuperarmos a boniteza do *ethos* sociocultural e ambiental em sua totalidade e, desta forma, potencializar a convivência respeitosa, tolerante, entre os sujeitos inacabados e conscientes do inacabamento, bem como a intervenção desses sujeitos no seu *habitat*. Por isso mesmo, devemos romper com o “globalitarismo”³, negar veementemente a “democratização da safadeza e sem-vergonhice” que se instalou na sociedade de mercado (TRIBUTO A PAULO FREIRE..., 1997) e fazermos a opção por uma “globalização cooperativa” em que a sustentabilidade da vida e convivência solidária na Gaia sejam garantidas.

A expressão “globalização cooperativa” representa um tipo diferente de globalização, porque tem como substrato os potenciais inerentes a cada pessoa e comunidade, grupo humano ou nação, e afirma que são somente estes os sujeitos legítimos do desenvolvimento. Vislumbra a relação entre os seres sociais nos valores da cooperação, da partilha, da reciprocidade, da complementaridade e da solidariedade. Compreende a diversidade como fonte de riqueza, tanto em termos de qualidades humanas quanto de recursos materiais.

No viés dessa abordagem, Arruda (1998, p. 7, grifos nossos), reafirma que

³ Globalitarismo é um termo muito utilizado pelo professor Milton Santos para expressar o autoritarismo avassalador assumido pelo atual modelo de globalização, fundado na liberdade de mercado, que busca homogeneizar os valores e comportamentos humanos na circunscrição da sociedade de consumo.

[...] o “segredo” para lidar com a diversidade é maximizar a complementaridade, ou, agregar diferentes qualidades humanas e recursos materiais disponíveis numa comunidade (que é um coletivo de indivíduos e famílias diversas), de modo que seu uso seja otimizado para o bem-estar de cada um e de todos os seus membros, e para a comunidade como um todo. Este é o caminho para uma forma dialógica de criar **unanimidade**, sem asfixiar a diversidade ao nível comunitário. Se estendermos este conceito cooperativo da esfera local para as da nação (que é um coletivo de comunidades diversas) e do planeta (que é um coletivo de nações e culturas diversas), temos aí uma nova visão: a de uma **globalização cooperativa**.

Nessa perspectiva, a proposta de globalização cooperativa simboliza um rompimento radical ao modelo até então dominante. Para tornarmos mais claro o significado dessa cisão, recorremos a Freire outra vez, em virtude do grande educador brasileiro e mundial defender a tese de que o rompimento é essencialmente uma condição ética. “**Não é possível** comparar, não é possível escolher, decidir, **romper fora do domínio da ética**, quer dizer, nós nos tornamos necessária e naturalmente seres éticos” por rompermos com aquilo que se apresenta para nós como não-ético. (ÉTICA NA EDUCAÇÃO..., 1997, grifo nosso).

Em síntese, para tornarmos viável a utopia possível, a esperança numa cidadania mundializada como forma de “eticização” de homens, mulheres e do mundo, dependemos de uma “corporeificação da palavra pelo exemplo”, ou seja, é preciso uma ação testemunhal da prática educativa crítico-libertadora, aquela que emancipa o ser presente e histórico dos grilhões da consciência ingênua e o mobiliza para o exercício da curiosidade epistemológica, para viver a vocação do “ser-mais”. (FREIRE, 1979; 1997; 2002; 2006).

Por uma prática educativa dialógico-problematizadora: decência e boniteza de mãos dadas na formação da cidadania planetária?

Eu continuo a achar que a história é de homens e mulheres. A questão é saber como na história e através dela e com os outros a gente faz o máximo para testemunhar a assunção da decência.
(**TRIBUTO A PAULO FREIRE..., 1997**)

A concepção de prática educativa legada por Paulo Freire é o pano de fundo para a realização do testemunho ético da decência, tão relegado na sociedade globalizada e um dos pilares de sustentação da boniteza, que deve ser recriado pela intervenção estética do “cidadão do mundo” e no mundo.

Nos seus últimos escritos, principalmente **Pedagogia da autonomia** (2006) e **Pedagogia da indignação** (2000), este último publicado postumamente, nas entrevistas e conferências concedidas pouco tempo antes do chamado para “viver” na eternidade, sua preocupação central está situada nas dimensões ética e estética acompanhadas pelos princípios da amorosidade, humildade, tolerância, coerência e, por fim, a esperança no futuro, alimentada pela luta por transformar o presente.

Somos conscientes de que o repertório conceitual freireano ultrapassa o conjunto axiológico aqui esboçado, mas estamos convictos também de que tais princípios formam o cinturão potencializador de práticas educativas fulcrais para efetivar o que é proposto como cidadania planetária. E, nesse aspecto, Freire (ÉTICA NA EDUCAÇÃO..., 1997) faz um apelo, no qual convida a todos(as) a experimentar e se experimentar na experiência da decência, experimento que simboliza boniteza, ou seja, formosura e virtude de mãos dadas; ética e estética casadas e jamais divorciadas (STRECK et. al., 2000).

Por efeito de tal análise e com sua áurea de educador crítico e cidadão do mundo, Paulo Freire presenteia-nos com outra de suas aferições politicamente libertadoras: “para mim uma das lutas nossas professoras e professores, pais, mães deveria ser a de como trabalhar a eticização do mundo a partir de nós mesmos e a partir da nossa experiência por pequena que ela seja.” (ÉTICA NA EDUCAÇÃO..., 1997).

Por ter essa compreensão esperançosa, mas sempre regada com a luta por dias melhores, a amorosa radicalidade freireana nega a “ética menor”, subserviente aos interesses do lucro. Esta negação é reafirmada com a defesa categórica da

[...] ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo [...], que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. A ética de que falo é que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza* em *puritanismo*. A ética de que falo se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa [...] que devemos lutar. (FREIRE, 2006, p. 15-16, grifos do autor).

A concepção freireana fundada na eticidade, inseparável de sua esteticidade no âmbito da prática educativa emancipadora do ser condicionado historicamente, compreende no primeiro momento, a amorosidade.

De acordo com Freire (2002) é por meio deste princípio que exercitamos a “benquerença”, o amor profundo pelo outro, ao mundo e por tudo o que nele há, que nos ajuda a produzir qualidades e virtudes. Tal amorosidade não corresponde a algo abstrato, vazio, burocrático, mas, como o próprio Freire (PROFISSÃO PROFESSOR, 1995) menciona, trata-se “de uma coisa concreta... Nessa necessidade que você tem de se dar um pouco às coisas e ao outro, de amar, afinal de contas”.

Com base na idéia concreta de amorosidade, emerge como exigência sua o princípio da humildade. A prática deste axioma corresponde a um esforço do ser sócio-histórico pelo comando de suas ações “mais ou menos” acertadas com o mundo, os outros e consigo próprio; numa atitude de respeito, mas, sempre renovada, de melhorar sua aproximação com o que é exterior e diferente de si.

Por conseguinte, este ser jamais se sentirá exercendo total e absoluto domínio sobre as coisas e a existência. Por outro lado, nunca se compreenderá como superior ao seu próximo e encontrar-se-á livre das amarras da arrogância que aprisiona e sufoca a prática da humildade.

O terceiro princípio de tal linhagem é a tolerância. Esta compreende o substrato ético que nos faz crescer com “a diferença e conviver com ela como um valor numa postura radicalmente condenatória de qualquer forma de discriminação”. (STRECK et. al., 2000, p. 13). A tolerância é fundamental, então, para exercitarmos a cidadania planetária, potencial emergente de um mundo com diversidades de toda ordem, seja cultural, política, moral, religiosa, social, entre outras. Ao aprendermos a conviver com a diversidade, nos é possível crescer na diferença e tal crescimento resulta da materialização da tolerância.

Associada aos pressupostos axiomáticos aqui expressos, temos a coerência como eixo de aproximação viscosa e visceral entre o discurso e a prática. Ela nos faz seres testemunhais daquilo que defendemos e, ao assumirmos nossa condição de pessoas coerentes, nos preparamos para a assunção da responsabilidade, da rigorosidade epistemológica no trato com a realidade e a fabricação de um espaço sociocultural transformado e, sobretudo, humanizado.

Por fim, apresentamos a esperança como o princípio que adita todos os citados. O preceito “guarda-chuva” que os integra em um conjunto, destarte, desponta como a grande maestrina integradora do coro de valores e virtudes dos princípios anteriores.

E, mais do que nunca, para o contexto caótico do mundo presente, a esperança torna-se necessidade *sine qua non* para que tenhamos a ação-intervenção renovada de

que é possível o Planeta se reencontrar consigo próprio e fazer-se decente e belo. “Decência e boniteza de mãos dadas” (FREIRE, 1996, p. 32), todavia, não dizem respeito a algo moralizante e contemplativo, mas estão na base do significado e do significante daquilo concebido pela Pedagogia freireana como problematização – a descoberta do sentido do conhecimento para a vida subjetiva e coletiva. “Portanto é um momento de conscientização. Visão libertadora, emancipadora do conhecimento que leva ao engajamento, ao compromisso e não a mera contemplação das idéias [e das formas]”. (GADOTTI, in PAULO FREIRE, 2002).

A esperança é inventivamente percebida pela compreensão teórico-prática freireana, uma derivação do verbo “esperançar” e não do verbo “esperar”. Ao defendê-la, Freire (PROFISSÃO PROFESSOR, 1995) assegura que, como educador jamais a deixou de lado em seu percurso de vida, legando-nos essa missiva: “[...] se eu pudesse chamar isso de recado... Seria essa a minha mensagem para quem me vê e me ouve: arranje um jeito de molhar a esperança de vocês todo dia, como quem molha uma inocente arvorezinha”.

Com a esperança, é possível integrar amorosidade, humildade, tolerância e coerência no plano das virtudes constitutivas das dimensões ética e estética humanizadoras do sujeito na e com a história; ou seja, homens e mulheres condicionados, mas sabedores de seus condicionamentos e, portanto, conscientes de sua intervenção transformadora da realidade condicionante.

Como sinalizam Vasconcelos e Brito (2006, p. 106), a esperança

[...] é o princípio essencial e propulsor para a realização de qualquer conquista, pois, fornece as forças necessárias para que a luta seja enfrentada. Constitui-se apenas como primeiro passo, ao qual se deve juntar a prática, para que o ser humano possa construir sua história. Isoladamente, a esperança se torna inerte, sem capacidade de concretização e que se transforma em espera, agindo “sem deixar levar” e levando à desesperança. A Esperança é um imperativo existencial e histórico básico, mas insuficiente, pois sozinha não ganha a luta e sem ela a luta fraqueja. Tem sentido se é partejada na inquietação criadora do combate, na medida em que também pode partejar novas lutas em outros níveis, desvelando as possibilidades pelo fundamento ético-histórico. A esperança, como necessidade ontológica, precisa ancorar-se na prática para tornar-se concretude histórica, condição indispensável para conscientização na luta.

Nesse sentido, consideramos que a concepção freireana que vem sendo aqui esboçada se aproxima cada vez mais do conceito de cidadania planetária, ao encontrarmos em Freire (2001, p. 129) a seguinte definição:

[...] a cidadania está referida diretamente à história das pessoas e tem que ver com uma outra coisa muito mais exigente que é a assunção da história da pessoa. Tem que ver com o assumir a sua história na mão, quer dizer, não há cidadania sobre quem faz a história. [...] A história não é feita de indivíduos, ela é socialmente feita por nós todos e a cidadania é o máximo de uma presença crítica no mundo da história por ela narrada. [...] O conceito de cidadania vem casado com o conceito de participação, de ingerência nos destinos históricos e sociais do contexto onde a gente está.

Em síntese, tomando-se como referência as idéias até aqui esboçadas, ficam evidentes os caminhos a serem percorridos ética e esteticamente para realização do que vimos nomeando de cidadania mundializada. Esta requer uma educação problematizadora, crítica, dialógica e libertadora que perpassasse desde a concepção da educação formal, o compromisso, a coerência, o respeito profissional e a mudança, na busca de sujeitos conscientes de seu papel numa sociedade universalmente multicultural e pluralista.

A acepção da prática educativa freireana, nos termos que é apresentada, tem o conhecimento como construto histórico e condicionado pelas relações de poder presentes na sociedade. Por isso mesmo, não pode advir de um ato de "doação" que o educador faz ao educando, mas sim um processo realizado no contato do ser sociocultural com o mundo experienciado, que não se faz estático, mas dinâmico e em permanente mudança.

Na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo. (FREIRE, 2002, p. 71).

Com base nesse pressuposto, entendemos que a educação problematizadora, ao permitir a tomada de consciência do ser humano sobre seus limites e possibilidades na interação com o mundo e no mundo, da importância como cidadão sabedor de que já foi inconsciente (alienado), mas que pela condição ontológica de “ser-mais” superou a alienação, passando a se perceber como histórico, condicionado, criativo e inacabado; vem afirmar a dialogicidade e se fazer dialógica. Nestes termos, torna-se condição real para a formação do ser sociocultural mundializado – cidadão planetário –, capaz de agir criticamente e de fazer uso das informações, da tecnologia e de toda produção cultural para transformar efetivamente a realidade espetaculizada ou imagética, bem como o

modelo de globalização excludente em uma sociedade mais justa, digna de se viver, ou seja, uma comunidade universalmente integrada, que vivencie a ética universal do ser humano em toda a sua boniteza.

Prospectivas esperançosas

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os
os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.
(Paulo Freire, 2002).

A abordagem teórico-conceitual constituída pelo estudo da ética e estética freireanas, sinaliza que, por meio da educação dialógico-problematizadora ou crítico-libertadora, podem ser traçados caminhos para a formação de um cidadão mundializado.

Para que essa formação ocorra, a idéia de cidadania planetária deve se fundamentar na ética universal do ser humano, a qual com a ausência da estética, não consegue se efetivar nas relações humanas, voltadas para a transformação da conjuntura social, política, econômica, cultural, moral, religiosa, ultimamente impregnada de aspectos nefastos, como intolerância, violência, miséria social, pobreza cultural, entre outros, que contribuem para tornar a sociedade feia e desumanizada.

Por influxo dessa realidade e na busca de um fio condutor que nos leve para o encontro com a decência da vida, a beleza da Terra, o equilíbrio e a sustentabilidade coletivos, delimitamos a idéia de que a prática educativa crítica deve se pautar pelos princípios da amorosidade, humildade, tolerância, coerência e esperança, embora reconheçamos que esse conjunto axiológico não esgota a obra educativa freireana, mas que consegue fundamentar uma educação que se queira autônoma e capaz de transformar o mundo.

De posse da autonomia constituída pela ação da prática educativa libertadora ou problematizadora que nos foi legada por Freire em seu percurso histórico, como educador autêntico e coerente, enfim, eticamente humano e esperançoso, tem-se a possibilidade de objetivação da cidadania planetária como forma substantiva da vocação ontológica de homens e mulheres para “ser-mais”.

Por fim, compreendemos que a educação problematizadora, ao exigir a superação da contradição educador-educandos, contempla os princípios considerados, neste estudo, fulcrais às dimensões ética e estética freireanas, o que permite a essa prática educativa elaborar resposta à essência do ser e da sua consciência, tornando-se,

com efeito, um ato de intencionalidade – capacidade de admirar o mundo, ao mesmo tempo desprendendo-se dele, nele estando; envergadura que desmistifica, problematiza e critica a realidade admirada, ensejando a percepção daquilo que é inédito e viável. Afinal de contas, decente e belo.

Referências

ARRUDA, M. Globalização e desenvolvimento comunitário autogestionário. **Rede de Ação Comunitária**. Irlanda, p. 1-26, dez. 1998. Disponível em:

<www.pacs.org.br/artigospublicacao/glob%20e%20dese%20autog%20marcos%20port.rtf> Acesso 28 jul. 2008.

BARROS, F. B. Crise ambiental e cidadania planetária. Disponível em: <http://www.cultura.ufpa.br/cagro/pdfs/TextoN006_Crise_Ambiental_e_cidadania_planetaria_Flavio_Bezerra.pdf> Acesso 23 jul. 2008.

BOFF, L. **Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo, Ática, 1996.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. [S.l.]: eBookLibris, 2003. Versão digital. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>> Acesso 7 ago. 2008.

ÉTICA NA EDUCAÇÃO. VI Simpósio de Educação – Mackenzie. Direção Reginaldo Fernandes. São Paulo: Centro de Radiodifusão Mackenzie, 1997. 1 DVD-RW(58min), son., color.

FREIRE, P. R. N. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989. (Série pensamento e ação no magistério).

_____. Cidadania planetária: pontos para reflexão. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/twiki/pub/Institucional/MoacirGadottiArtigosIt0040/Cidadania_Plenataria_1998.pdf> Acesso 28 jul. 2008.

GUIMARÃES, S. T. L. Cidadania planetária: uma lição de coexistência e convivência através do compartilhar. Disponível em: <www.apoema.com.br/CIDADANIA%20PLANETARIA.pdf> Acesso 25 jul. 2008.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

_____. **Teorias da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MILTON SANTOS – por uma outra globalização. Direção Sílvio Tendler. Rio de Janeiro: CALIBAN, 2004. 1 DVD-RW (55 min), son., color.

NASCIMENTO, C. G. Cidadania planetária e educação. **Adital – notícias da América Latina e Caribe**. Disponível em <<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=25012>> Acesso 23 jul. 2008.

PAULO FREIRE. Direção Paulo Aspis. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Atta Mídia Educação, [200?]. (Série formação de professores). 1 DVD-RW (57 min), son., color.

PROFISSÃO PROFESSOR. Direção Fernando Passos. Coordenação Maria Alice Setubal. Brasília, DF: Hemisfério Sul, 1995. 1 DVD-RW (30min), son. color.

STRECK, D. R. et. al. (Orgs.). **Paulo Freire: ética, utopia e educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TRIBUTO A PAULO FREIRE – entre o diabólico e o simbólico. Direção Gabriel Priolli. São Paulo: TV PUC – SP, 1997. 1 DVD-RW(1h45min), son., color.

VASCONCELOS, M. L. M. C.; BRITO, R. H. P. **Conceitos de educação em Paulo Freire**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Mack Pesquisa – Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2006.